

Primavera de Praga (1968)

O ano de 1968 representou o que pode ser chamado de ano de todas as revoltas. Longe de se poder reduzir ao maio francês, os protestos, greves e barricadas iniciadas em Paris foram apenas um rastilho para um fenómeno transnacional que abalou ambos os lados do muro.

No caso do mundo ocidental, a rebelião francesa espalhou-se não só por países vizinhos, como a Itália ou a Alemanha, mas igualmente pelos EUA, com o fortalecimento do movimento pelos direitos civis, ou por países como a Colômbia, o Brasil, o Senegal ou o México.

No caso português, a influência fez-se sentir no recrudescimento dos conflitos laborais, mas, igualmente, na crise académica de 1969, que, sendo herdeira destas revoltas estudantis, se revelou uma dor de cabeça para o Estado Novo.

Ora, se o mundo ocidental não ficou à margem desta «onda», o mesmo se pode dizer sobre os países de leste que viviam sobre a alçada da União Soviética. Na verdade, os protestos no interior do Bloco de Leste até são anteriores a 1968, sendo de salientar a Revolução Húngara de 1956 – que foi prontamente esmagada pelos blindados soviéticos.

No entanto, o ano de 1968 pode ser visto como criador das condições para uma continua degradação da hegemonia soviética nestes países. Nesse processo de degradação, o acontecimento que mais memórias traz, a par da revolta em Paris, é a denominada primavera de Praga.

Sob a liderança de Alexander Dubček, a então Checoslováquia preparou um conjunto de reformas liberalizadoras que levaram a uma crise nas relações entre este país e a União Soviética. Apesar das constantes negociações, na noite de 20 para 21 de agosto deu-se a invasão de Praga pelas tropas de quatro países do Pacto de Varsóvia (União Soviética, Bulgária, Polónia e Hungria). A invasão provocou vários mortos e feridos, seguindo-se um período de «normalização» – em que se deu a substituição de Dubček por

Gustáv Husák e se bloquearam as pretensões a qualquer reforma.

Na imprensa local setubalense, os acontecimentos são acompanhados com alguma surpresa, referindo-se o seguinte: «Mas até ao momento em que escrevemos, tudo parece indicar que os factos desprestigiaram os homens de Moscovo, que os chineses não deixarão de aproveitar para se insinuar junto dos partidos comunistas, com a esperança de virem a desempenhar no mundo o papel da URSS no tempo de Estaline» (MARTINS, 1968: 1).

As ações soviéticas tiveram como reação não apenas a condenação dos países do Ocidente, mas, igualmente, de vários partidos e militantes de esquerda que, no seguimento do desejo de libertação apontado pelo maio francês, começaram a olhar para o regime soviético como semelhante ao norte-americano. **[JS]**

ARQUIVO GLOBAL IMAGENS/REFERÊNCIA: 1879130



Tanque soviético invade Praga na noite de 20 para 21 de agosto de 1968



«Embora, após qualquer acontecimento inesperado, haja sempre quem afirme: – “Eu já previa isto... eu sempre disse...” creio que desta vez ninguém poderia antever a ocupação da Checoslováquia pelas tropas da U.R.S.S. Pela nossa parte, confessamos: não se descortinam motivos plausíveis; nem o facto produziu quais vantagens para o comunismo internacional ou para a Rússia» (MARTINS, *ibidem*).